



Podca\$t Economia\$ Mutante\$

Podcast\$t Economia\$ Mutante\$

Laboratório de Estudos em Economias e Globalizações

Episódio #1: Economia Solidária

Transcrição do episódio: Marina Comin

Roteiro: Marina Comin

Edição de roteiro: Irene do Planalto Chemin e Kelly Silva

ABERTURA

[Trilha sonora: música eletrônica com elementos sonoros que remetem a economia, como sons de feira e som de cupom fiscal. A música permanece ao longo de toda a fala de Kelly]

Kelly: Olá, bem vindos, bem vindas e bem vindes ao Economias Mutantes. Um podcast sobre transformações econômicas contemporâneas, pelas lentes da antropologia. Eu sou Kelly Silva, antropóloga e professora da Universidade de Brasília.

Como tudo na vida, a economia é um fenômeno em constante mutação. Suas transformações são consequências de fatos políticos, sociais, ambientais, tecnológicos, morais, de mudanças na infraestrutura, só para citar alguns exemplos. Assim, ao longo da nossa série de podcasts provocamos vocês a pensar como a economia é alterada por fatos que estão fora dela. Porque as economias são formas mutantes, os formatos dos podcasts de nossa série também variam ao longo do tempo. Quem sabe essas estórias nos ajudem a imaginar outras possibilidades de economia, provocando mutações nos nossos próprios pensamentos?

Começamos o nosso Economias Mutantes convidando vocês a conhecer as práticas da economia solidária. E se pudéssemos vislumbrar um mundo em que o valor central da economia é o bem viver coletivo? Nesse episódio vamos mostrar como uma outra economia é possível e já acontece, e o nome dela é Economia Solidária. Nela, a produção é coletiva e repartida, pra que ninguém seja explorado nem passe fome, todos trabalham e ganham o que é justo. Ninguém fica de fora, porque se entende que a maior riqueza não é o lucro individual, e sim que todos e todas vivam bem e trabalhem com dignidade: nela, a cooperação é o caminho! A economia solidária diz respeito a práticas que se caracterizam por relações de solidariedade – em vez de relações de competição – entre os agentes sociais. Vamos conhecer um pouco sobre isso? Nosso episódio tem como base as pesquisas realizadas por Marina Comin a respeito da economia solidária no Distrito Federal entre 2022 e 2025.

[Trilha sonora: música eletrônica com elementos sonoros que remetem a economia, como sons de feira e som de cupom fiscal]

Bloco 1 - Apresentação das participantes e da Economia Solidária

Adenilce: Essa economia capitalista que está aí, que vai sufocando os trabalhadores a cada dia, e pressionando que tem que produzir mais, trabalhar mais, que é a única possibilidade dele ter uma condição de vida, só que esquece de dizer que a condição melhor de vida é pro patrão e não pra ele.

Marina: Você sabe porque a gente tá no corre todo dia e parece que mesmo assim não sobra nada no fim do mês? Tem a ver com o jeito como a nossa sociedade tá organizada! O sistema econômico capitalista é feito pro trabalhador estar sempre um passo atrás do patrão, é feito pra gente não se ver no outro, pra gente achar que tá sozinho e que tem que batalhar sozinho. Mas e se eu te disser que esse não é o único jeito que a gente pode produzir, consumir e viver a vida? Tô falando de um jeito que valoriza o trabalhador e preza que todo mundo viva bem, com um trabalho digno e sem exploração. E eu não tô falando de sonho distante, não! Eu tô falando

de Economia Solidária! Meu nome é Marina, eu sou antropóloga, pesquisadora e ativista da Economia Solidária, e no episódio de hoje do Podcast Economias Mutantes a gente vai conversar com duas mulheres incríveis que mostram que esse outro jeito é possível, e já acontece!

[Trilha sonora: Cantiga “Minha Ciranda”, gravada por Mariana Comin em evento de Economia Solidária]

Patrícia: Bom, eu sou Patrícia, sou artesã, sou educadora popular, sou ativista da cultura. A gente tá aí na luta, também faço parte da rede de educadores de economia solidária, ela é nacional. Faço parte do Conselho da Economia Solidária, o Conselho Nacional. Faço parte do Fórum de Economia Solidária. Sou da Rede de Economia Solidária Feminista e eu tenho muito orgulho em dizer que eu já era da Economia Solidária quando eu entrei na Rede de Economia Solidária Feminista. É na rede de economia solidária feminista que eu me encontrei. Porque ali eu vi que tinha pessoas igual a mim.

Adenilce: Eu sou Adenilce. Sou educadora aposentada, educadora popular, artesã.

Marina: (numa voz “abafada” que indica um corte) Dona da voz que vocês ouviram na introdução desse episódio.

Adenilce: Sou da economia solidária, abracei a economia solidária há mais ou menos uns 25, 26 anos e faço atividades em todo o DF e Entorno. Eu sou da Marcha Mundial de Mulheres. Mas também sou educadora e eu sou do fórum, né? Do DF. E também sou do conselho, né?

Marina: Esse Fórum que elas fazem parte foi onde as conheci, no Fórum de Economia Solidária do DF e Entorno. Ele reúne empreendimentos econômicos solidários, associações, cooperativas e entidades que atuam aqui de onde falamos, do Distrito Federal. Nos conhecemos lá em 2022, quando comecei minha pesquisa de TCC sobre como esse Fórum se organizava e como essa tal de economia solidária funcionava. Patrícia e Adenilce se tornaram minhas amigas e grandes professoras, por isso penso que não tinha pessoas melhores pra convidar pra esse

papo e ensinar mais gente tudo que elas me ensinaram. No dia da gravação das entrevistas pra esse episódio, nos sentamos em volta de uma fornada de pão de queijo, na mesa da sala da minha casa, e pedi pra elas me explicarem a mesma coisa de 3 anos atrás: Mas afinal, o que é essa tal de economia solidária?

Patrícia: Eu falo muito que eu acho que a economia solidária é esse novo modelo da gente produzir, comercializar, consumir e entender a economia.

Marina: Quando a gente fala de novo modelo, como disse a Patrícia, estamos falando de algo que se diferencia e se contrapõe ao modelo capitalista. Estamos falando de uma outra lógica econômica, porque, como a Adenilce falou na entrevista:

Adenilce: As pessoas estão muito acostumadas com a questão do capitalismo. E isso entrou de vez na cabeça, no cérebro, no organismo, na vida de todo mundo. E a economia solidária vem por trás, desfazendo esse processo e mostrando que existe outra possibilidade. E que isso também é economia, que isso também é evolução, que isso também é ganho financeiro para a família e para o país. Uma outra forma de fazer economia. E ainda não conseguimos que uma parcela muito grande da sociedade perceba isso.

Marina: A forma como grande parte da sociedade brasileira entende a economia é a partir de uma ideia capitalista de economia, que a gente tem que fazer por merecer, que temos que competir com os outros e correr sozinhos para alcançar nosso sucesso. E sucesso é sinônimo de acumular o máximo de capital possível. Só que nessa lógica do sucesso individual, o que acaba acontecendo é que uma parcela muito pequena da população vai enriquecendo às custas do trabalho da maioria. Por isso a gente vê tanta desigualdade no nosso país, tanta gente correndo a vida toda pelo básico, e outros poucos com tanto dinheiro. Mas se a gente inverte a lógica, se não for mais o dinheiro o mais importante numa economia, e sim que todos vivam bem, a gente passa a ver que a solução do problema da desigualdade é pensar no coletivo. É assim que a Economia Solidária pensa.

Adenilce: Sim. A economia solidária, ela não tem um dono. Não tem dono na economia solidária, não tem patrão na economia solidária. A economia solidária é um trabalho, uma atividade de todos juntos. A economia solidária, ela acolhe, ela reúne, ela conversa e ela produz. E ela, em seguida, comercializa e procura comercializar da melhor forma possível, sem explorar ninguém, vendendo num preço justo que tenha ganho, que tenha renda, mas não explora ninguém nessa venda. A economia solidária, ela vê o outro com muito cuidado. Valoriza o outro. Não tem ninguém achando que você é melhor e o outro é pior. O seu produto é melhor do que o produto do outro. Na economia solidária, nós pensamos no nosso produto valorizado, mas o produto do outro também valorizado. Não se vai fazer disputa de valores. Então a economia solidária, ela é muito melhor, mas muito, de longe do que é o capitalismo, que aí está. Não tem patrão, mas todos produzem e todos ganham. Lá tem o patrão e quem ganha e ganha muito é o patrão e não quem produz. Economia solidária tem muito esse cuidado. E se as pessoas se debruçarem um pouquinho mais vão perceber que a economia solidária está aí, tem um espaço grande para quem quer produzir e quer produzir com qualidade, sem explorar, sem agredir a natureza, com benefício pra todos.

Marina: Isso de não ter um dono dos negócios é essencial porque na economia solidária a gente trabalha por meio da autogestão. São pessoas que se unem em grupos para produzir e comercializar, praticando a autogestão, ou seja, todo mundo é dono de toda a produção e riqueza oriunda desse trabalho coletivo, buscando beneficiar com uma vida digna igualmente a todos aqueles que trabalham. Por exemplo, quando você monta uma cooperativa, não tem um dono da cooperativa, todos os trabalhadores que fazem parte trabalham, tomam decisões comerciais coletivamente em assembleia, por votações, e compartilham dos faturamentos de suas vendas igualmente. E quando eu falo de benefícios para todos, não tô falando só para os seres humanos não, tô falando de todos mesmo! A natureza, no capitalismo, é uma fonte inesgotável de recursos, pra ser explorada até a última gota em prol da criação de mais lucro. Se a gente olha pro todo mesmo, a gente vê a natureza também de outra forma, como algo que também precisa ser cuidado, assim como as pessoas.

Adenilce: Sim, porque eu acho que para a grande maioria é assim. Ah, que legal, eu vou aprender a fazer sabão, digamos, a partir do óleo de cozinha. Ah, mas o sabão já está ali pronto, eu vou ali e compro o sabão. Ele não tem a compreensão de que vai fazer o reaproveitamento, o reúso. Porque a economia solidária também é isso. É o cuidado com o meio ambiente. Esse reúso é o cuidado com o meio ambiente. Eles não têm essa compreensão. Também não pensam que o que ele está produzindo nesse reúso vai ser bom pra ele, mas pode ser bom pra mais alguém da família dele, pode ser bom também pro vizinho, e que ele pode ensinar mais um outro que tá desperdiçando aquele óleo que utilizou. Quer dizer, aí não tem assim esse despertar maior.

Patrícia: Porque assim, até na hora da produção, se a gente produz, a gente produz, mas a gente tem todo o cuidado do que a gente está produzindo, de quem a gente está comprando a nossa matéria-prima. Na hora do consumo, será que eu não estou consumindo demais? Eu não estou consumindo coisas que são desnecessárias, que eu só estou comprando um monte de coisa e não estou pensando se aquilo eu vou usar mesmo ou vou jogar na natureza, né? E eu falo muito do tecido, que assim, quantos anos demora pra um tecido se acabar na natureza, né? E a gente, por que a gente compra tanto se a gente não precisa, né?

Adenilce: A economia solidária, ela tem esse poder. É um poder de transformação muito grande que a maioria das pessoas não percebe a transformação que está acontecendo na vida. Eu passo do imediatismo, eu passo do meu eu, eu passo a enxergar o meu redor como um todo. E lembrar que nós não somos sozinhos nunca. E a economia solidária faz isso. A economia solidária é o poder da transformação. E aí, essa transformação ela vai muito além. Quando ela fala na questão da economia, é uma transformação econômica total.

Marina: Essa transformação econômica é total, como disse Adenilce, porque ela muda a forma como nos relacionamos com o mundo. O capitalismo, nessa de fazer a gente achar que temos que batalhar sozinhos, vai minando os laços coletivos. Quer dizer, se o outro tá sempre em competição comigo, já que eu só posso vencer sozinho, que tipo de relação eu posso ter com esse outro? Na economia solidária, como a gente quer que todo mundo possa viver bem, eu olho para o outro de outra

forma, e crio outros tipos de relação. É por isso que na Economia Solidária a gente se baseia em valores de cooperação, solidariedade e autogestão. E com isso a gente produz uma outra lógica de trabalho também. É por isso que:

Adenilce: A economia solidária tem esse poder. Ela nos deixa mais livres, mais abertos nessas relações. Eu não simplesmente vou lá, trabalho, produzo, vou embora pra casa, já até esqueci o que eu fiz lá. Não, pelo contrário, economia solidária lhe dá uma outra forma de ver. Você tá produzindo, mas você tá criando relações, você tá criando laços. Isso pra mim é muito importante.

Patrícia: É bem diferente do assistencialismo. Nós não estamos aqui para fazer assistencialismo para ninguém. A gente quer sim, a gente quer que as pessoas tenham a sua própria renda, mas não que as pessoas vão dar pra elas. Elas vão ter o seu, por trabalho.

Marina: Nessa lógica que Patrícia fala, o trabalho não é mais fonte de exploração, ele é uma via de criação de laços com seus companheiros de trabalho, e esses laços são mais importantes do que a busca por lucro individual. Valoriza-se as relações entre as pessoas e do trabalhador com seu próprio trabalho. E aí,

Adenilce: A gente vai lembrando que é muito importante mostrarmos para todas as pessoas, e como elas não estão sozinhas no mundo, elas também não estão sozinhas na economia solidária, E também não estão sozinhas, se elas estão no empreendimento, se elas estão num grupo de trabalho, eles estão juntos.

Patrícia: A gente viu que a gente tá ali uma pra segurar na mão da outra, né? Como eu falei sobre a preocupação com o outro, no capitalismo tô nem aí, se ela tá vendendo, se ela tá bem, é problema dela, não é um problema meu. E assim, eu me encontrei muito na economia solidária nessa história aí.

[Trilha sonora: Cantiga “Eu Vi Mamãe Oxum Na Cachoeira”, gravada por Mariana Comin em evento da Economia Solidária]

Bloco 2 - Transformação na vida de mulheres

Marina: Nesse episódio a gente tá falando com duas mulheres que fazem parte da Rede de Economia Solidária e Feminista, a RESF, uma rede que se articula em todo o território brasileiro. A RESF trabalha não só por uma economia que opere nas lógicas que a gente vem falando até aqui, mas também pensa a emancipação das mulheres como parte fundamental para a criação de um outro modelo de sociedade e de economia. Pedi para elas explicarem melhor essa ligação da economia solidária com as lutas das mulheres.

Adenilce: Assim como a economia solidária inicia com um trabalho, na sua grande maioria, esse movimento todo, com mulheres, a grande maioria do movimento, não quer dizer que não tem homens, tem muitos, mas a grande maioria é mulher, e normalmente mulher não muito jovem, que é uma preocupação hoje, precisamos encontrar a forma para ir buscar as pessoas mais jovens para esse movimento que, para mim, ele vai crescer a partir daí, de trazer esses jovens. Como é um movimento muito voltado e praticado por mulheres, nós, por isso mesmo, estamos numa rede que é uma rede de economia solidária feminista.

Patrícia: E aí quando a gente fala da economia que transforma, né? Quando a gente chega pra uma mulher, que ela é só dona de casa, “só” dona de casa é muito... né? Aí a gente pergunta pra ela, o que que você faz? Aí ela, nada. Porque ela não trabalha fora. E aí quando você consegue fazer com que essa mulher entenda que o trabalho de casa, o trabalho do cuidado, o trabalho de cuidar dos filhos, também é trabalho, ele precisa ser visto e visibilizado e valorizado, não só por ela, mas também pela sociedade. Aí a rede de economia solidária, ela vem pra isso, né?

Marina: Essa rede é constituída de empreendimentos, associações e coletivos de todo o Brasil. Aqui no DF, elas constroem um empreendimento de mulheres artesãs e que trabalham com a cultura. Eu pedi pra Patrícia me contar um pouco sobre esse empreendimento, acho que dá pra gente entender melhor como é essa economia solidária e feminista na prática.

Patrícia: E assim, eu vou falar do nosso exemplo, né? O exemplo que a gente vive

aqui no DF, que é a Rede Pequi de comercialização, que ela nasceu a partir da Rede de Economia Solidária Feminista, que é uma rede nacional. Quando a gente foi fazer o diagnóstico dos empreendimentos, e a gente viu que elas produziam, mas elas não tinham onde comercializar seus os produtos. E aí o gargalo maior delas, era escoar os produtos. Aí a gente começou, no começo da Rede, em 2014, como a gente é de grupos culturais, a gente começou a levar os produtos das mulheres para as nossas atividades culturais. E íamos em algumas atividades culturais, mas era assim, esporádico, né? E a gente viu que as mulheres precisavam comer todos os dias, não dava para a gente esperar ter uma atividade cultural para a gente comercializar os produtos delas.

Marina: Ela me contou com muito orgulho que nessa luta, conseguiram abrir a primeira loja de economia solidária do DF, em Taguatinga. Essa loja tem produtos de todas as artesãs que fazem parte do empreendimento. Lá tem peças de crochê, de biscuit, tem acessórios como bolsas, colares e chaveiros, tem bonecas de pano, turbantes, panos de prato, almofadas, e artigos para decoração em geral. Todos são vendidos e valorizados igualmente, sem competição.

Patrícia: A gente tem uma coisa na nossa rede que eu particularmente sou apaixonada. A gente chama de TPM, Tempo de Produção das Mulheres. Todas as quarta-feiras a gente se reunia pra produzir. E ali não era só a produção, porque produzir, a gente produzia em casa. Mas a gente queria mais estar ali com o outro, conversar. Às vezes eu saí da minha casa tão arrasada aquele dia, e aí chegando lá a Adenilce tava com um sorriso, e eu... Ai, a gente acabava uma ajudando a outra. O que é que você tem? E aí esse tempo de produção era muito mais pra dar essa qualidade de vida que a gente tanto almeja na Economia solidária para as nossas mulheres.

Marina: Isso tem Muito a ver com o que a Patrícia disse antes mesmo de trazer qualidade de vida para o trabalhador, no caso para a trabalhadora, de pensar numa ideia de que todo mundo viva bem. Isso é o que a gente chama de bem viver, de todo mundo viver bem porque enquanto o meu companheiro, a minha companheira não estiver vivendo bem, eu também não vivo bem. Então, de realmente pensar esse modo de fazer, de produzir, mas também de viver mesmo, né? De se divertir,

de trocar, tudo de maneira mais coletiva. Isso também foi o que mais me encantou na Economia Solidária.

Adenilce: Mas a Economia Solidária é isso, né? É esse viver coletivo.

[Trilha sonora: Cantiga “Minha Ciranda”, gravada por Mariana Comin em evento de Economia Solidária]

Marina: Então a gente vê que essa lógica de pensar uma economia focada no bem viver de todas as pessoas precisa passar por uma outra forma de ver o trabalho das mulheres. O bem viver só é possível quando esse trabalho de cuidado passa a ser visto e valorizado, porque ele também é trabalho, afinal ele está produzindo as pessoas que se tornam trabalhadores. O capitalismo ganha com a não remuneração do trabalho de cuidado, ele explora de graça o trabalho dessas mulheres que estão gerando a classe trabalhadora, que virá a ser explorada pelo capitalismo. Se a gente valoriza esse trabalho, a gente muda a lógica e passa a reconhecer ele como necessário e essencial para o bem viver coletivo.

Patrícia: E aí nessa pegada aí da divisão sexual do trabalho, que a gente luta muito por isso, para que esse trabalho seja tanto dividido com as pessoas da casa quanto com o governo.

Marina: Na entrevista, pedi pra Patrícia explicar melhor pra gente isso de dividir com o governo.

Patrícia: Quando ela é artesã, ela produz quando? Quando o filho dela tá na escola. E quem precisa de ajudar as mulheres com essa questão da creche da escola? Nós precisamos ter creche, porque ainda tem isso. A creche funciona de 8 às 17. Se a mulher trabalha até às 18, como é que ela faz? Com quem ela deixa o filho essa uma hora depois que a creche, depois dessa uma hora que ela não tem mais com quem cuidar? E aí a gente precisa sim pedir para o governo isso, que a gente precisa que ele nos ajude com isso também.

Marina: É verdade, as políticas públicas de cuidado e de economia solidária podem nos ajudar a alcançar novos modelos de sociedade.

Adenilce: É igual a lei da economia solidária que precisa urgentemente sair desse papel, porque é uma das coisas que muito me incomoda na economia solidária, porque as mulheres produzem e elas só têm a garantia de ter uma renda se elas comercializam. Fora dessa comercialização, elas não têm renda nenhuma. Consequentemente, se a mulher adoece ou por qualquer motivo não pode produzir, como é que fica a sobrevivência e a vida dessa mulher. Então, a nossa luta de mais de 12 anos foi sempre nessa expectativa de que tivesse uma lei para dar garantias para que as pessoas que produzem em economia solidária sejam, na realidade, consideradas trabalhadores de economia solidária e isso só a lei garante, porque aí enquanto trabalhador e trabalhadora eles vão ter o que? Todos os direitos de todos os trabalhadores e hoje eles não têm absolutamente nada... a lei tá aí mas ainda precisamos avançar um pouco mais para dar essa garantia para a economia solidária.

Marina: E essa Lei, ela também garante que a própria ideia do que a economia solidária pensa como economia, que é isso, é uma ampliação da ideia de economia, que vai para além do que é dinheiro, do que é lucro, do que é todas essas ideias de economia que você falou que os alunos, em geral, trazem de o que é economia. E a economia solidária amplia isso. Diz não, mas o trabalho do cuidado que não está sendo visto, que não é remunerado, que não tem dinheiro envolvido, isso é economia. Isso faz parte de uma vida, de um ciclo econômico que é necessário, porque a criança, não vai crescer sozinha. Você precisa de uma pessoa que cuide, que crie, enfim, e mesmo que ela não seja remunerada, depois aquela criança vai virar um adulto, que vai virar um trabalhador, que vai entrar no mundo do trabalho, que vai passar a gerar outras riquezas, aí sim monetárias, que envolvem dinheiro. Mas antes disso ele passou por um monte de ganho, que foi econômico mas que não teve remuneração monetária nenhuma né.

Marina: E como é que faz pra gente conseguir tudo isso? Eu perguntei a elas.

Patrícia: E a gente só vai conseguir o que a gente quer com luta, né? Porque quem

sabe o que quer a gente, quem tem que correr atrás do que a gente quer a gente, né?

[Trilha sonora: Cantiga “Eu Vi Mamãe Oxum Na Cachoeira”, gravada por Mariana Comin em evento da Economia Solidária]

Bloco 3 - Como educar a ecosol

Marina: Então agora você já sabe o que é a economia solidária, que ela é essa transformação econômica que muda a forma como a gente entende o trabalho e as relações sociais que se criam através dele. A gente sabe que essa outra forma econômica se baseia na solidariedade, na cooperação e na autogestão. A gente sabe que o bem viver coletivo é o seu objetivo, e que ele só pode ser alcançado com a transformação na forma de se relacionar, de produzir e comercializar, e que isso passa pela forma como vemos o trabalho do cuidado feito por mulheres. Também falamos sobre a importância de que políticas públicas sejam pensadas e executadas para alcançar esse novo modelo de sociedade. Mas e agora, como a gente faz com que esse modelo seja mais conhecido, que as pessoas de fato aprendam que é possível viver de outro jeito? Aprender a ver o mundo de outra forma é mais efetivo quando começamos logo cedo a ensinar sobre cooperação e solidariedade. Por isso, Patrícia e Adenilce acham que essas práticas deveriam entrar no currículo escolar do ensino básico:

Patrícia: Teria que conseguir colocar, como a Adenilce falou, no currículo, porque assim, a gente cresce, a gente vai pra escola e na escola a gente é ensinado a quê? A ser o melhor em tudo, a ser eu, eu sou o bom, E assim, quando a gente chega na economia solidária, que a gente... não é fácil fazer essa transformação do individual para o coletivo. De eu entender que o outro é meu parceiro e não o meu concorrente. E aí por quê? Porque a gente cresce com isso. E aí se a gente consegue começar lá com os pequenininhos a explicar para eles o que é a economia solidária, qual a diferença, quais são as coisas que fortalecem a economia solidária. A cooperação, ele vai aprender que pequenininho o material dele, ele vai dividir com um amigo, coisa que hoje a gente não vê mais isso, né? Hoje a criança vai pra escola e isso é meu e é meu, e a gente precisa trabalhar isso.

Adenilce: Eu acho que ainda temos uma estrada longa para convencer os nossos educadores do que é a economia solidária, qual a sua importância, qual o seu valor para que eles assumam isso e passam a trabalhar isso com as crianças. A partir do momento que a gente conseguir isso com as crianças, nós estaremos abrindo uma porta, um espaço muito grande para a economia solidária ser vista, de fato, pela grande maioria da nossa sociedade. A gente não tem conseguido isso.

Marina: Essa importância de incluir a economia solidária no currículo básico tem a ver com a nossa socialização, que desde a infância é muito feita pela lógica individualista do capitalismo. Ensinar desde cedo a ter outros tipos de relação é essencial por isso. E a própria maneira de ensinar tem que ser diferente. Tanto pra crianças, quanto pra jovens e adultos.

Patrícia: E aí, quando a gente fala para a gente colocar a economia solidária no currículo escolar, a gente tem também que colocar a nossa forma de educar, que não é a forma que está aí posta. A gente tem rodas de conversa, a gente usa a educação popular, onde não tem um aprendizado, tem troca de saberes. Se eu sei aquilo, eu vou ensinar pra Adenilce. Se a Adenilce sabe aquilo, ela vai passar pra mim. Porque assim, se você aprende e fica pra você, aí a gente tá sendo individual. E na economia solidária a gente não é individualista. Se eu sei, eu vou passar pra outro. Se eu sei costurar, eu vou ensinar a minha amiga a costurar. E assim, os princípios de economia solidária, autogestão, a cooperação, a valorização do ser humano, isso a gente passa para o próximo. Que aí, usando a educação popular, né?

Adenilce: Como já dizia o nosso mestre Paulo Freire, não é isso? E aí entra na questão, como é que faz a formação de economia solidária? A formação de economia solidária, eu e Patrícia, a gente já tem um bom caminho. Primeira coisa, em qualquer lugar que a gente vá para uma formação, às vezes nós vamos e procuramos os espaços, às vezes eles nos procuram, mas a primeira coisa é conhecer as pessoas do local e saber o que as pessoas querem saber com a gente. Então, pra nós só vai funcionar assim, ou seja, com a educação popular mesmo. É sempre roda de conversa, olho no olho, cada um fazendo a sua fala, se

expressando, colocando as suas dificuldades, os seus desejos. Pra mim só assim a economia solidária, de fato, vai fluir.

Marina: Nessa história de ver o aprendizado como trocas de saberes, a gente tem que aprender a ouvir as outras pessoas e reconhecer os saberes que cada uma traz nas suas vidas. Então, é importante começar sempre levando em conta o que cada um já sabe. A Adenilce contou como podemos começar essa formação pela própria ideia que as pessoas têm de economia, mas não só isso, né, da ideia que têm das relações sociais que perpassam pela economia.

Adenilce: Ah, sim! Não é simplesmente a economia. Eu costumava fazer nas formações uma atividade que era assim, a primeira coisa que nós íamos conversar nos grupos era cada um falar ou escrever o que era economia. Então podia ser nas tarjetas, e lógico, todo mundo muito rapidamente escrevia ou falava o que era economia, e eu coletava tudo aquilo. Depois eu perguntava o que era solidariedade, e todos se colocavam. E depois nós íamos juntar essas tarjetas pra ver onde que elas casavam com aquilo que eles haviam expressado, para que a gente pensasse na economia solidária. Se a economia que eles conheciam e falavam da sua vida no dia a dia tinha a ver com essa nova economia que nós estávamos falando, que era a economia solidária. E a partir daí é que nós íamos juntos criar o conceito de economia solidária. Era muito interessante, não é, Patrícia? Eu gostava de fazer essa atividade assim nas formações.

Marina: Assim, as pessoas que estão passando por essa formação, que a gente viu que precisa ser baseada na ideia de educação popular, na lógica da educação libertadora de Paulo Freire, trazem seus conhecimentos prévios, trocam esses saberes, e chegam juntos a novos entendimentos. Com esse exercício, estamos construindo juntos o conhecimento. Adenilce contou que quando ela faz essa atividade, depois de construírem juntos os entendimentos de economia, ela vai apresentando os princípios da economia solidária, e as pessoas em geral vão percebendo coisas que já fazem ou valorizam em suas vidas que se conectam com esses ideais. Vão vendo por si mesmas como esse outro modelo faz sentido pra elas, e algumas até descobrem que já praticam de alguma forma a economia solidária em seu dia a dia.

[Trilha sonora: Cantiga “Minha Ciranda”, gravada por Mariana Comin em evento de Economia Solidária]

Marina: Pensar pela economia solidária é tão simples quanto acreditar que seu vizinho, colega ou amigo, deva viver bem e tenha o mesmo direito a uma vida digna assim como você e sua família. É tão simples quanto desejar que ninguém sofra de fome, que todos tenham um trabalho e possam viver bem com os frutos dele.

[Trilha sonora: Cantiga “Minha Ciranda”, gravada por Mariana Comin em evento de Economia Solidária]

Marina: É valorizar a vida em comunidade, é criar laços com as pessoas. É entender que não estamos sozinhos no mundo e que podemos contar com os outros, se apoiar e cuidar de nós e do planeta.

[Trilha sonora: Cantiga “Minha Ciranda”, gravada por Mariana Comin em evento de Economia Solidária]

Marina: Na prática, a gente vive num modelo econômico que é contrário a tudo isso, que quer nos isolar, que cultua o individualismo porque sabe que a solidão nos enfraquece e enfraquece nossa luta coletiva por melhores condições de vida. Agora que você sabe disso tudo, espero que olhe para as pessoas ao seu redor de outro jeito, que pense nas suas condições de trabalho de outra forma, e que permita a transformação adentrar suas relações. Ah e se você quiser fazer parte dessa outra economia, pode dar uma passadinha ali na Galeria dos Estados, do lado da Rodoviária do Plano Piloto, para adquirir produtos de artesãs de todo o DF, que produzem e comercializam nesses valores da economia solidária. Elas têm um espaço colaborativo nas lojas 36 e 38 da Galeria dos Estados! Juntos somos sempre mais fortes.

[Trilha sonora: Cantiga “Minha Ciranda”, gravada por Mariana Comin em evento de Economia Solidária]

Adenilce: A economia solidária faz criar laços, e laços muito fortes.

[Trilha sonora: música eletrônica com elementos sonoros que remetem a economia, como sons de feira e som de cupom fiscal]

Créditos

Kelly: Você acabou de ouvir o Podcast Economias Mutantes, uma produção do Laboratório de Estudos em Economias e Globalizações, vinculado ao Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília. O episódio de hoje: “Economia Solidária, uma outra economia é possível e já acontece!” é produto das pesquisas realizadas por Marina Comin, sob orientação de Kelly Silva. As pesquisas são frutos de fomento do Fundo de Apoio à Pesquisa do Distrito Federal (FAP-DF); Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ); e Comissão de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). O episódio conta ainda com as especialíssimas participações de Patrícia Ferreira de Almeida e Adenilce Maria de Araújo Silva, nossas gentis interlocutoras da economia solidária no Distrito Federal. Se quiser saber mais sobre os trabalhos do LEEG, acesse o nosso site: www.leeg.dan.bsb.br. Ou ainda, nosso perfil no Instagram: @leeg.unb. Na descrição desse episódio, no site do LEEG, você encontra sua transcrição completa e materiais referentes ao tema. A apresentação e roteiro do episódio foram elaborados por Marina Comin, sob orientação de Kelly Silva e Irene do Planalto Chemin; a edição de roteiro, edição de áudio, sonoplastia e finalização é de Irene do Planalto Chemin; a música tema do nosso podcast é de Fábio Popinigis; a narração foi gravada no estúdio da Subsecretaria de Formação Continuada (EAPE), da Secretaria de Educação do Distrito Federal, a quem agradecemos muito pelo apoio; a identidade visual do nosso podcast é de Rafael Carón; a comunicação e divulgação do nosso podcast tá sob responsabilidade de Irene do Planalto Chemin; a coordenação geral do podcast Economias Mutantes é de Kelly Silva. Obrigada por nos escutar até aqui.

[Trilha sonora: música eletrônica com elementos sonoros que remetem a economia, como sons de feira e som de cupom fiscal]